



A DIMENSÃO SUBJETIVA NO PROCESSO DE ENSINO E APRENDIZAGEM NA DISCIPLINA DE SOCIOLOGIA.

Israela Míriam de Melo

Universidade Federal Rural do Semi-Árido – UFERSA – israelamiriam@hotmail.com

Cleylton Rodrigues da Costa

Universidade Estadual do Rio Grande Do Norte – UERN – cleyltoon@hotmail.com

Resumo: O presente trabalho tem como objetivo perceber como a dimensão subjetiva e cultural contribui para processo de ensino e aprendizagem no ensino de sociologia e, a partir disso, refletir acerca de sua contribuição na construção do conhecimento e da imaginação sociológica. Para atender a tais objetivos, escolhemos como *locus* de nossa pesquisa na Escola Abel Coelho, localizada no município de Mossoró/RN, no qual foi possível responder às questões implicadas em nossos objetivos. A partir da pesquisa desenvolvida e pelas visitas que fizemos nas salas de aula e sala dos professores, através das quais pudemos estabelecer conversas informais, registrá-las e fazer anotações em caderno de campo, percebemos que a dimensão subjetiva contribui no processo de ensino e aprendizagem. Essa contribuição torna-se perceptível, sobretudo, quando a vida do aluno e os seus gostos são revividos na sala de aula junto com os demais alunos e com o professor, construindo um ambiente de diálogo com os conteúdos trabalhados e permitindo a imaginação sociológica do aluno no processo de ensino adotada pelo professor.

Palavras-chave: Ensino de sociologia, Subjetividade, Aprendizagem.

Introdução: (objetivo, justificativa e metodologia).

O Ensino de sociologia, com o passar do tempo, a partir de lutas e debates sobre a sua pertinência no ensino básico, conseguiu garantir a sua permanência no ensino médio como disciplina obrigatória e não facultativa. Por ter uma história diferente das outras disciplinas, sobretudo das ciências exatas e naturais, ela é uma disciplina jovem e com um número muito pequeno de pesquisas sobre a sua prática de ensino e seus materiais didáticos.

Pensar em material didático em ensino de sociologia é algo recente e se apresenta como um dos dilemas dos alunos dos cursos de ciências sociais no Brasil, esse dilema é resultado da juventude da disciplina na educação básica e suas intermitência nos diferentes períodos históricos.

A sociologia, por ter como seu objeto de estudo, as relações e transformações sociais, consideramos uma disciplina importante para compreender e refletir sobre a realidade local e global. É uma disciplina que faz com que o aluno não necessariamente intervenha no contexto



social, mas que, antes de tudo, possa “repensar o seu pensamento” (Morin, 2003) e, compreender o contexto social no qual está inserido. Fala-se de uma disciplina, que a exemplo da Filosofia, passou por um processo intermitente no currículo escolar:

Primeiramente, a disciplina Sociologia tem uma historicidade bastante diversa de outras disciplinas do currículo, tanto em relação àquelas do campo das linguagens como em relação às das Ciências Humanas, mas, sobretudo das Ciências Naturais. É uma disciplina bastante recente – menos de um século, reduzida sua presença efetiva à metade desse tempo; não se tem ainda formada uma comunidade de professores de Sociologia no ensino médio, quer em âmbito estadual, regional ou nacional, de modo que o diálogo entre eles tenha produzido consensos a respeito de conteúdos, metodologias, recursos, etc., o que está bastante avançado nas outras disciplinas. Essas questões já poderiam estar superadas se houvesse continuidade nos debates, o que teria acontecido se a disciplina nas escolas não fosse intermitente. (BRASIL, 2006, p.103- 104).

Esse processo intermitente da disciplina de sociologia no currículo escolar desenvolveu e, desenvolve até hoje, alguns dilemas que são vividos pelos alunos das licenciaturas em ciências sociais e professores de sociologia. O outro dilema enfrentado pelos estagiários e professores da sociologia no ensino médio diz respeito à carga horária da disciplina. A Sociologia apresenta-se com uma carga horária muito curta no cotidiano escolar - cinquenta minutos de aula por semana - implicando ao professor uma preocupação quanto à administração do tempo de aula e dos conteúdos trabalhados em sala e extra sala.

Nesse sentido, o professor de Sociologia vive um dilema entre conhecimento e tempo, onde uma carga horária reduzida não significa negligenciar conteúdos, mas dar atenção a um planejamento de aulas que serão realizadas em etapas menores, porém não menos importantes. Nessa perspectiva, um planejamento que consiga problematizar os temas apresentados em sala de aula em um curto tempo é uma proposta fundamental na prática do ensino de sociologia.

Não podemos esquecer que: “As pesquisas sobre o ensino de Sociologia ainda são bastante incipientes” (BRASIL, 2006, p.103- 104), considerando a juventude da disciplina na educação básica. As intermitências desta disciplina no currículo escolar dificultaram e dificultam o desenvolvimento de pesquisas sobre o ensino da sociologia, metodologias de ensino e reflexões sobre a própria disciplina e construção de materiais didáticos.

Todavia, esses dilemas não impossibilitam a reflexão e problematização do ensino, pelo contrário, eles são postos para (re)pensarmos o fazer sociológico na educação básica,



principalmente no ensino médio onde a disciplina é obrigatória, e a partir dessa reflexão, desenvolvermos novas metodologias de ensino de sociologia e novos meios de chegar na sua promessa de ensino enquanto disciplina: a imaginação sociológica.

Resultados e discussões:

Devido essa ausência de pesquisas, encontramos com uma quantidade muito incipiente de produção de materiais didáticos de sociologia para o ensino médio. Tal incipiência deixa, muitas vezes, o aluno das licenciaturas em ciências sociais com poucos suportes para nortear sua formação. Por esses motivos, tem-se buscado referenciais nas Orientações Curriculares Nacionais (OCNs) e nos Parâmetros Curriculares Nacionais Temas Transversais. Portanto, pensar sobre como o Ensino de Sociologia vem sendo lecionado no Ensino Médio possibilita a compreensão e consolidação de um currículo que ainda tenta se afirmar na educação básica. Essa história diferenciada e esse currículo em construção provocam debates e inquietações contemporâneas, onde percebemos que a sociologia caminha constantemente com a vida subjetiva das pessoas, sujeitos e saberes escolar.

As ciências sociais e humanas são áreas do conhecimento onde a subjetividade, as emoções e os afetos dos sujeitos estão mais propensos de serem estudados e levados em consideração no processo de ensino e aprendizagem. Assim, a Sociologia não é exceção dessa propensão.

Discutir a subjetividade no processo de ensino e aprendizagem em uma disciplina que caminha para construir um legado teórico no currículo na educação básica, como é o caso da sociologia, não é uma tarefa fácil. É, no mínimo, ambiciosa. Mas “A subjetividade está em circulação nos conjuntos sociais de diferentes tamanhos: ela é essencialmente social, e assumida e vivida por indivíduos em suas existências particulares”. (GUATTARI, F. & ROLNIK, S. (1996, p. 33). Como falam GUATTARI e ROLNIK a subjetividade está em circulação nos conjuntos sociais, a escola, sobretudo a sala de aula, é um lugar de subjetividade, sentidos e significados. Segundo Andreozzi (2005, p.27): “A educação é absolutamente necessária para organização social e subjetiva, de tal modo que o indivíduo tem de se submeter a ela de alguma forma.”

Portanto, percebendo a subjetividade em constante circulação no contexto escolar, temos como objetivo do presente trabalho, perceber como a dimensão subjetiva e cultural contribui no processo de ensino e aprendizagem no ensino de sociologia da Escola Estadual Abel Coelho em Mossoró e perceber a sua contribuição na construção do conhecimento e da imaginação sociológica.



A imaginação sociológica é uma categoria utilizada por Wright Mills que possibilita ao sujeito ver além do cenário inserido:

A imaginação sociológica capacita seu possuidor a compreender o cenário histórico mais amplo, em termos de seu significado para a vida íntima e para a carreira exterior de numerosos indivíduos. Permite-lhe levar em conta como os indivíduos, na agitação de sua experiência diária, adquirem frequentemente uma consciência falsa de suas posições sociais" (MILLS, 1969, p.11).

Perceber o ensino de sociologia levando em considerações o universo subjetivo do aluno quanto do cientista social professor proporcionará um novo caminho de ensinar e aprender sociologia.

Para a realização da pesquisa fizemos trabalho de campo na escola estadual Abel Coelho na cidade de Mossoró, também realizamos visitas nas salas de aula e sala dos professores onde pudemos estabelecer conversas com professores de sociologia e anotações em caderno de campo. Utilizamos também o gravador para melhorar o registro, porém: “[...] existem vários fenômenos de grande importância que não podem ser recolhidos através de questionários ou de análise de documentos, mas que têm de ser observados em pleno funcionamento”. (MALINOWSKI, 1922, p.32).

Pensando assim, os momentos observados em pleno funcionamento nos permitiu conhecer melhor o ensino de sociologia.

- As dimensões subjetiva e cultural no processo de ensino e aprendizagem

Primeiramente, percebemos a subjetividade como algo socializável, algo sentido em sociedade pelas relações sociais, esse sentido individual e coletivo pode ser vivido dentro de um espaço que é lócus de socialização, de emoções e de sentidos, configurando o contexto da sala de aula, afinal “a subjetividade é essencialmente fabricada e modelada no registro social” (GUATTARI, F. & ROLNIK, S. 1996, p. 31). Pensando essa fabricação e modelação de subjetividades, a sala de aula é um lugar bastante apropriado para defender essa tese, a partir dessa perspectiva, de pensar a subjetividade como algo sociável e construído no registro social vê-se a subjetividade como construtora também de conhecimento em sociedade, ou na comunidade escolar. Como ainda fala Guattari:



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

A subjetividade, de fato, é plural, polifônica, para retomar uma expressão de Mikhail Bakhtin. E ela não conhece nenhuma instância dominante, determinação que guie as outras instâncias segundo uma causalidade unívoca. (GUATTARI, 1992, p.11)

Ao entrar na escola e conversar com a professora de sociologia, pudemos estabelecer um diálogo profundo sobre sociologia e subjetividade. A subjetividade é algo vivido em coletividade, e no contexto da sala de aula, pudemos percebê-la de maneira visível no processo de ensino e aprendizagem, mesmo sem a pretensão de contextualizá-la, foi possível identificar a sua pertinência no processo de socialização entre os sujeitos no contexto escolar.

De repente um aluno conta sobre a sua vida, um professor fala das suas predileções musicais, um funcionário relata sobre a sua relação com o lugar que trabalha, ou seja, é impossível pensar o contexto escolar sem pensar na subjetividade. Segundo o pensamento dos autores: “a subjetividade não se situa no campo individual, seu campo é o de todos os processos de produção social e material.” (GUATTARI, F. & ROLNIK, S. 1996, p. 32).

Respondendo o objetivo do presente trabalho e com os relatos da professora e dos alunos, percebe-se que a subjetividade atua de forma involuntária e discretamente no processo de ensino e aprendizagem. A subjetividade não é algo físico como os mapas das aulas de geografia ou as tabelas das aulas de matemática, ela não é algo palpável no sentido de poder tocar, mas, podemos senti-la quando nossas ações são orientadas subjetivamente pela ação de outros indivíduos. Lembrando um pouco o pensamento de Marx Weber, podemos perceber a subjetividade em ações sociais afetivas, essas ações são relacionadas às emoções, sentimentos, sensações.

A professora se demonstrou muito contente com a proposta da pesquisa e percebeu a subjetividade como algo importante no processo de ensino aprendizagem:

“Eu acho que a escola tem uma carga de subjetividade muito grande, a sala de aula e o cotidiano do professor. A minha relação com a subjetividade é muito presente, sempre procuro falar com meus alunos sobre questões afetivas e suas vidas, acredito que essa abertura pode ajudar na relação professor-aluno.” (Professora de Sociologia – Abel Coelho 2º ano A e 1º ano F).

No primeiro contato com a professora percebemos as influências subjetivas na sua prática pedagógica, percebe-se que a vida subjetiva da professora não fala sozinha, nem a do aluno fala exclusivamente, são vidas que dialogam e se conhecem, é um processo mútuo:



O indivíduo, a meu ver, está na encruzilhada de múltiplos componentes de subjetividade. Entre esses componentes alguns são inconscientes. Outros são mais do domínio do corpo, território no qual nos sentimos bem. Outras são mais do domínio daquilo que os sociólogos americanos chamam de "grupos primários" (O clã, o bando, a turma, etc.). Outros, ainda, são do domínio da produção de poder; situam-se em relação a lei, a polícia, etc. Minha hipótese é que existe também uma subjetividade ainda mais ampla; é o que chamo de subjetividade capitalística. (GUATARRI; ROLNIK, 1996, p.34).

Guatari (1996) aponta que o indivíduo está na encruzilhada de múltiplos componentes de subjetividade, essa é a posição da fala da professora, como também de sua profissão e da vida dos alunos, percebemos a encruzilhada de subjetividade principalmente quando ela diz que “A minha relação com a subjetividade é muito presente, sempre procuro falar com meus alunos sobre questões afetivas e suas vidas, acredito que essa abertura pode ajudar na relação professor-aluno.”, percebe-se que essa abertura é positiva para o ensino de sociologia por meio do universo subjetivo e das subjetividades.

Posteriormente, percebemos outro elemento fundamental das interferências subjetivas na vida da professora no momento de escolha do livro didático:

Eu escolhi o livro sociologia para jovens do século XXI porque eu tenho uma ligação muito grande com a militância e o livro sociologia para jovens do século XXI tem essa característica, ele é um pouco militante e provoca ao aluno vários debates além de várias atividades de pesquisas que o mesmo propõe.” (Professora de Sociologia – Abel Coelho 2º ano A e 1º ano F).

Tendo em vista que, “Os fatores subjetivos sempre ocuparam um lugar importante ao longo da história” (GUATTARI, 1996), a escolha do livro didático com a ajuda dos fatores subjetivos ocupou um lugar importante no processo de ensino e aprendizagem. Sabemos que a escolha do livro, em alguns casos, não é tão levado em consideração, mas, é uma ferramenta fundamental do professor para a escolha do material base a ser trabalhado durante o ano letivo.

Nesse caso, a professora teve êxito na escolha do livro, diferentemente de alguns livros que não dão suporte para explorar outros recursos didáticos, o atual livro de sociologia permite à professora escolher recursos inovadores para melhorar o processo de ensino e aprendizagem em suas aulas. Entendemos, pois, que essa capacidade de sair do livro didático nem sempre seja uma



qualidade somente do livro, mas também uma criatividade subjetiva, no qual a professora ou professor de sociologia consegue perceber ao ler e interpretar o livro. O livro didático de sociologia também é algo novo, justamente pela discussão que já fizemos em relação à juventude da disciplina: “Também é importante salientar que a descontinuidade histórica da sociologia na educação básica acarretou certa fragilidade da produção de livros didáticos e ferramentas para o ensino da disciplina no Brasil.” (CIGALES E MOCELIN, 2013, p. 59).

Pensando nessa fragilidade de material didático sobre o ensino de sociologia deve-se ter muito cuidado e criticidade ao escolher um livro didático, pode-se perceber que a professora de sociologia, refletiu, analisou e criticou o livro didático para sua escola, sobretudo por ser um livro que possibilita outros meios de ensino.

Eu costumo usar o livro didático. Geralmente sigo direitinho, ele ajuda muito, mas confesso que eu não uso apenas ele, eu uso o livro e a partir das propostas do livro costumo fazer outras aulas diferenciadas, como foi o caso desse bimestre onde discutimos a lei da redução da maioria penal e outras atualidades” (Professora de Sociologia – Abel Coelho 2º ano A e 1º ano F).

Por mais que tenhamos pouca tradição de ensino de sociologia, o livro didático é um dos norteadores do currículo de sociologia no ensino médio e um dos principais recursos didáticos. A professora de sociologia utiliza do livro para trabalhar os conteúdos e a partir das suas provocações passar para outros meios de ensino, é nesse momento onde nos encontramos uma série de mecanismos auxiliares para aprender sociologia. Utilizar o livro didático fielmente não é uma prática propícia para o uso da criatividade, juntamente com a subjetividade. A partir da fala da professora de sociologia do Abel Coelho, ela não faz essa exclusividade do uso do livro, conclui-se que a mesma utiliza de outros recursos que podem ser diversos, cabe ao professor e ao aluno essa escolha, a partir das aberturas propiciadas pela própria prática e a relação ensino-aprendizagem.

A literatura, fotografia, a dança, as artes, a cultura e outros temas que exploram a subjetividade do aluno e diferencia o ensino aparece nesse momento. A música abre janelas de um novo mundo para educadores e educandos, descortinando aspectos culturais que poderão ser aproveitados no processo de aprendizagem. (MEIRELLES, M.; RAIZER, L.; PEREIRA, L. H., p. 65 e 66).



Como podemos ver nas OCNS, a prática de ensino de sociologia permite utilizar diversos recursos didáticos, esses recursos, sobretudo as excursões, visitas a museus, parques ecológicos, cinema, vídeos ou DVD, TV, fotografia, charges, cartuns e tirinhas abrem a janela de novas formas de aprender, tornando o aluno ator e autor da aula sem ser uma aula meramente expositiva, como um monólogo, ajuda ao aluno a querer aprender essa disciplina que diz respeito as suas vidas.

Conclusões:

Percebe-se que levar em consideração os aspectos subjetivos do professor e dos alunos tem grande importância no processo de ensino e aprendizagem. A sociologia, como uma disciplina reflexiva e que deve provocar ao aluno uma imaginação sociológica sobre o mundo em que vive, tem por finalidade mesmo com poucos materiais didáticos ou justamente por sua escassez, provocar no aluno interesse em refletir sobre o mundo e seu papel no mundo. Uma disciplina que vá além de uma “*educação bancária*” (FREIRE, 1996). E fugir do risco de apenas um ensino de conceitos:

O risco dessa orientação é tornar a disciplina a função de ensino de conceitos e não do desenvolvimento de “modo de abordagem” do real. Não que os clássicos não sejam importantes. Qualquer cientista social sabe o valor do conhecimento seguro desses autores. Entretanto, acreditamos que o ensino médio não deva ser organizado em funções de estudo teórico semelhante ao do ensino superior de ciências sociais. (SARANDY, Flávio. p. 74-75, 2004).

Para fugir desse risco, de um ensino de Sociologia a partir dos conceitos, podemos perceber que levar em consideração a vida subjetiva do professor e do aluno e utilizar alguns recursos de reflexão, como por exemplo, os temas transversais podem contribuir para um ensino de Sociologia que parte da realidade do aluno, por temas que perpassam a suas vidas, suas sociedades, e suas famílias, onde se dialoguem, conseqüentemente, com os conceitos necessários para o entendimento do conhecimento e da imaginação sociológica. Como fala podemos perceber “o ensino de sociologia, no sentido forte do termo, deve compreender uma configuração que vá além de uma proposta bancária de educação.” (OLIVEIRA e FREITAS, 2011, p. 33). Mas um ensino que ao refletir sobre a vida, o aluno se compreenda como sujeito dessa vida que é objeto de reflexão e perceba que o mesmo se encontra automaticamente conectado com toda a história da humanidade:



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

Assim, é tarefa da imaginação sociológica mostrar como a vida pessoal e a biografia individual estão intimamente conectadas a eventos históricos e processos estruturais. É tarefa da imaginação sociológica ajudar as pessoas a compreender o significado de sua época em relação a suas próprias vidas, e é sua ambição, de acordo com Mills, fazer a diferença na qualidade da vida humana em nossa época. (BAUMAN, 2015, p. 13.)

Desenvolver aulas dinâmicas provocando a imaginação sociológica, aulas dialógicas e subjetivas permitirá ao aluno entender a disciplina sociologia e suas contribuições para suas vidas individuais e coletivas.

Chegamos ao entendimento, que, na escola estudada, Abel Coelho, em Mossoró (RN), o universo subjetivo da professora interferiu de forma positiva na seleção do livro didático e na dinamização de suas aulas. O diálogo em salas de aulas que não apenas se reduz ao modelo de ensino do “*paradigma dominante*” (SANTOS, 2010) que preza apenas pela formação conteudista, mas deve se apresentar como um “*paradigma emergente*” (SANTOS, 2010) que leva em consideração os afetos, as histórias de vida e as diversidades culturais para promover o relativismo e conhecer a cultura do outro e aprender com o outro.

A pesquisa fez com que percebamos que o ensino de sociologia quando se permite realizar discussões afetivas e subjetivas tem uma relação ensino-aprendizagem muito mais dinâmica. Ao ouvir a professora falar e observar sua prática, percebemos que as aulas diferenciadas e que fogem do modelo tradicional de ensino estimulam o aluno justamente pelo fato de se sentir autor da aula juntamente com o professor, esse é o processo de ensino focado na aprendizagem, onde o aluno aprende e ensina o que aprendeu, seja na sua relação aluno-professor, professor aluno e até mesmo aluno-aluno, retroalimentando todo o processo de ensino e aprendizagem a partir da subjetividade presentes em suas práticas.



REFERÊNCIAS

- BAUMAN, Zygmunt. **Para que serve a sociologia?** Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2015.
- Brasil. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais**. Brasília: MEC/SEF, 1997.
- BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria da Educação Básica. **Ciências humanas e suas tecnologias. In: Orientações curriculares para o ensino médio**. Brasília, DF: MEC/SEB, 2006.
- CIGALES, M.P. 2014. **O ensino da Sociologia no Brasil: perspectiva de análise a partir da história das disciplinas escolares**. Revista Café com Sociologia, 3 (1) :49-67.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: Saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.
- GUATTARI, F. & ROLNIK, S. (1996). **Cartografias do Desejo**. Petrópolis/RJ: Vozes
- GUATTARI, F. (1992). **Caosmose**. São Paulo/SP: Editora 34.
- MALINOWSKI, Bronislaw. **Objetivo, método e alcance desta pesquisa [1922]**. In GUIMARÃES, Alba Zaluar. **Desvendando Máscaras Sociais**. Rio de Janeiro, Livraria Francisco Alves Editora, 1975, p. 39-62.
- MEIRELLES, M. (Org.); RAIZER, L. (Org.); PEREIRA, L. H. (Org.). **Ensino de Sociologia: Diálogos entre Pedagogia e Sociologia**. Porto Alegre: Evangraf, 2013. v. 1. 144 p .
- MILLS, C. Wright. **A imaginação sociológica**. Rio de Janeiro, Zahar, 1982.
- OLIVEIRA, Amurabi. **Sentidos e Dilemas do Ensino de Sociologia: Um Olhar Sociológico**. Inter- legere, s/v, n. 9, p. 25-39, 2011.
- MORIN, Edgar. **A cabeça bem feita: repensar a reforma, reformar o pensamento**; tradução Eloá Jacobina, 8. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003, 128 p
- OLIVEIRA, Cristiane Bento de. FREITAS, Carla Conti de. **Transdisciplinaridade e a formação do docente do ensino superior**. Anais do I seminário sobre docência universitária universidade estadual de goiás – UnU INHUMAS. 12 de março de 2011.
- SILVA, A. *et al.* **Sociologia em movimento**. São Paulo: Moderna, 2013.
- SANTOS, Boaventura de Sousa. **Um discurso sobre as ciências**. 7ed. São Paulo: Cortez, 2010.
- SARANDY, Flávio. **Propostas Curriculares em Sociologia**. Inter-legere, s/v, n. 9, p. 61-84, 2011.
- TOMAZI, Nelson Dacio. **Sociologia Para o Ensino Médio**. 2 Ed. São Paulo: Saraiva, 2010.